



VOLUME - V.3

NÚMERO - N.2

DEZ. - 2025

ISSN: 2966-1439

P.44-55

TRÂNSITO ENTRE DOIS MUNDOS:

BENAF DO ROMANCE *KIKIA MATCHO*, DE FILINTO DE BARROS

TRANSIT BETWEEN TWO WORLDS: THE CHARACTER ANTÓNIO BENAF IN THE NOVEL
KIKIA MATCHO BY FILINTO DE BARROS

Marcos Vinicius da Hora Silva¹

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar o personagem António Benaf do romance *Kikia Matcho* (1997; 1999), do escritor Bissau-guineense Filinto de Barros, e discutir os atravessamentos socioculturais da personagem, que transita entre as tradições culturais de seus familiares e a cultura europeia, considerando que o jovem, após a independência da Guiné-Bissau, foi estudar em Portugal. Para embasar as análises e discussões, nos apoiaremos em autores como Augel (2005), Bispo (2014), Cardoso (2017), dentre outros. A colonização, sendo um mecanismo de apagamento da identidade cultural do oprimido e de assimilação da cultura do opressor, tornou Benaf um jovem que negou suas raízes culturais, por já estar desvinculado parcialmente das suas origens. Assumiu uma identidade lusitana, reproduzindo discursos do seu próprio opressor e se viu obrigado a realizar cerimônias tradicionais dos povos *Papeis* quando retornou à Guiné-Bissau, as quais ele não cria como um tradicionalista. Benaf representa os intelectuais guineenses que romperam com o legado de progresso e desenvolvimento pensado por Amílcar Cabral. Ele ocupa o entrelugar do sujeito afetado pela colonialidade: não é africano tampouco europeu. É um novo sujeito cuja identidade é híbrida.

Palavras-chave: *Kikia Matcho*. Tradição. Modernidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze the character António Benaf from the novel *Kikia Matcho* (1997; 1999) by the Guinea-Bissau writer Filinto de Barros, and to discuss the character's sociocultural intersections as he navigates between the cultural traditions of his family and European culture, given that the young man, after Guinea-Bissau's independence, went to study in Portugal. To support the analyses and discussions, we will draw on authors such as Augel (2005), Bispo (2014), Cardoso (2017), among others. Colonization, as a mechanism for erasing the cultural identity of the oppressed and assimilating the culture of the oppressor, turned Benaf into a young man who denied his cultural roots, as he was already partially detached from his origins. He adopted a

¹ Mestre em Estudos Literários. Universidade Estadual de Feira de Santana. educ.vinicius@gmail.com.

Portuguese identity, reproducing the discourses of his own oppressor, and found himself compelled to perform traditional ceremonies of the *Papeis* people upon returning to Guinea-Bissau—ceremonies he does not believe in as a traditionalist. Benaf represents the Guinean intellectuals who broke with the legacy of progress and development envisioned by Amílcar Cabral. He occupies the in-between space of the subject affected by coloniality: he is neither African nor European. He is a new subject whose identity is hybrid.

Keywords: Kikia Matcho. Tradition. Modernity.

INTRODUÇÃO

Kikia Matcho é um romance bissau-guineense de Filinto de Barros, publicado em 1997 na sua primeira edição pela Editora *Ku si mon* (Guiné-Bissau) e republicado em 1999 pela Editora Caminho, em Portugal. No âmbito das produções romanescas da literatura bissau-guineense pós-independência, *Kikia Matcho* é o quarto romance nacional, pois é Abdulai Silá quem estreia o gênero no país, com a publicação de *Eterna Paixão* (1994), *A última tragédia* (1995) e *Mistida* (1997), que compõem sua trilogia.

A Guiné-Bissau é um país situado na Costa Ocidental Africana, fazendo fronteira com o Senegal, a Guiné e o Oceano Atlântico. Foi colônia portuguesa e, como consequência deste processo, “herdou” a língua portuguesa como oficial, embora seja a Língua Guineense (crioulo guineense), a língua majoritária do país, para além das línguas étnicas de cada povo: *mancanhi, fula, mandjaco, balanta, pepel, nalu, felupe*, dentre outras.

Com este estudo, teceremos, à luz da personagem António Benaf – um jovem que, logo após a conquista da independência do país, migrou para Portugal com o objetivo de estudar e alcançar “uma vida melhor” com a ajuda do seu tio N Dingui (ex-combatente), uma reflexão acerca do processo de apagamento identitário e da assimilação da cultura portuguesa em detrimento de suas raízes culturais africanas.

Buscaremos em autores como Augel (2005), Bispo (2014), Cardoso (2017), dentre outros, subsídios para ajudar na compreensão do trânsito entre a tradição e a modernidade – entendida como a cultura europeia, presente na obra romanesca de Filinto de Barros, discutindo, ainda, sobre o papel da literatura no processo de narração do país, tendo em vista que, nos Países Africanos colonizados por Portugal, a literatura teve e tem grande importância na construção da história e de um projeto de identidade nacional “politicamente imaginado”, assim como é no Brasil.

O trânsito entre dois mundos, o choque entre a tradição e a modernidade², formam o entrelugar da personagem em análise e outros que são peças indispensáveis para o caminhar da narrativa. Essa dualidade entre o tradicional e o moderno se verifica não apenas em *Kikia Matcho*, também em outras narrativas africanas sobre o pós-independência, isto porque, o contato com a engenharia colonial, causou rupturas nesses territórios marcados pela colonização portuguesa, reconfigurando o *modus operandi* das dinâmicas sociais, por meio dos hibridismos culturais, como bem apontou Hall (2006).

1 *KIKIA MATCHO*: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA

Kikia Matcho é um pequeno exercício de ficção. Nem história, nem sociologia, nem etnologia, nem política, tão somente uma abordagem que se pretende dinâmica do processo de síntese sociocultural de um Povo. (Barros, 1999, s.p).

Embora o próprio autor tenha afirmado que sua obra não pretende ser história, sociologia ou etnologia, acaba reverberando em todas as áreas supracitadas, isso porque, ele ficcionaliza parte da história da Guiné-Bissau, no que tange o período de transição da colonização para o pós-independência. Cabe salientar que o processo de independência do país se deu após os intensos e longos 11 anos de luta armada (1963-1974), liderada pelo Partido Africano para a Independências de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), com a liderança de Amílcar Cabral.

Kikia Matcho pode ser considerado um romance histórico, pois descreve com bastante precisão, sem perder o caráter estético da ficção, dados históricos importantes para se compreender a nação atual. Além do mais, trata-se de uma ficção fundacional, pensando a partir do conceito de Doris Sommer (2004), quando analisa os romances da América Latina no século XX. Embora a autora parte de um outro lugar, as postulações sobre a forma como os romances corroboram para a fundação da nação enquanto “comunidade politicamente imaginada” (Hall, 2004) nos propicia uma relação com o romance africano que também assume essa “função”.

É uma obra que retrata o desalento do povo para com a conquista da independência (1974), trazendo à cena a figura dos ex-combatentes, desprezados pelo Estado e com uma mísera pensão, para além da situação caótica do país, que não ofertava condições mínimas

² Aqui, entendemos a modernidade como produto da colonialidade, conforme apontou Mignolo (2017).
Revista Paraguaçu – Estudos Linguísticos e Literários – Volume 3, Número 2 - ISSN:
2966-1439

para a vida da população. *Kikia Matcho*, em uma tradução literal, significa a coruja macho, uma ave cercada de mitos e que simboliza, na Guiné-Bissau, a mensageira da morte e de fatalidades.

A narração em terceira pessoa nos propicia o contato com a história contada por um narrador que conhece a realidade dos fatos. Na alternância para a narração em primeira pessoa, a partir das vozes dos personagens, nos deparamos com outras cosmovisões. Partindo da ideia de que este romance é um texto literário que mescla elementos da historiografia do país, nos é interessante ter esses dois focos narrativos, pois, os personagens centrais (N Dingui, Papai, Benaf, Joana, Infali Sissé e Mana Tchambu) representam o contraste intergeracional e as diferentes perspectivas acerca do pós-independência e das contradições da Luta.

2 ANTÓNIO BENAF: ENTRE O SER LICENCIADO E O REALIZADOR DA CERIMÔNIA FÚNEBRE DO TIO N DINGUI

António Benaf é sobrinho do falecido N Dingui, um ex-combatente da luta armada. Com a conquista da independência, o jovem foi levado para Portugal, assim como sua prima Joana, para estudar e buscar oportunidades de uma “vida melhor”, dado ao caos que o país se encontrava com o pós-independência.

Tinha regressado da Europa há algum tempo, antes da morte do falecido tio. Soube do ocorrido através do rádio, que anunciava constantemente a morte física dos ex-combatentes. Era algo habitual naquele período. Benaf, a partir daquele anúncio, teria que se reaproximar de suas tradições, ainda que forçosamente: “Desde que regressou da Europa, há cerca de seis meses, não tinha tido tempo para visitar aquele que por uma razão ou outra tinha sido o responsável por que ele fosse matriculado numa escola missionária” (Barros, 1999, p. 7).

O recém-licenciado (no contexto europeu é aquele fez algum curso superior, tanto bacharelado quanto licenciatura) estava focado apenas em suas individualidades, desligado de qualquer vínculo afetivo e cultural, não se importava com o tio e tampouco

com as tradições dos papéis:³ “Falaram-lhe do tio, quando esteve de visita à terra natal, nas *tabancas* de Safim. Ali soube, através dos parentes da mãe, da vida solitária que o tio levava, sujo, sempre a cair de bêbado” (Ibid. Grifos do autor). O jovem tinha idealizado convencer o tio a mudar-se para a terra natal e assumir a reinação, após a morte de seus pais, mas não teve tempo, porque “[...] a vida dum recém-formado na praça de Bissau era muito atribulada” (Ibid).

Consoante a Ricardo Aguielo Cá (2018), o romance demonstra como a juventude guineense – em sua grande parcela, ao migrar para Portugal, assimila as culturas europeias e distancia-se cada vez mais de suas matrizes africanas, passando a assumir uma identidade colonial. Este é o caso de António Benaf. O jovem, ao ver-se obrigado a organizar a cerimônia fúnebre do tio, fica indignado com as obrigações que a cultura papel “impunha” a ele. O narrador de *Kikia Matcho* nos informa que “Afiml, a morte do titio 'N Dinguí não está sendo tão simples como Benaf tinha pensado. Pela primeira vez, o nosso jovem é obrigado a confrontar-se com realidades socioculturais que lhe serviram de berço, do qual tanto gostaria de escapar!” (Barros, 1999, p. 23).

Quando soube da notícia do falecimento do tio, ele estava em um *djumbai*⁴ com os amigos. Na cena seguinte, Benaf mostra-se indiferente com o ocorrido, mas como sendo membro da família, sentiu-se obrigado a ir ao local e preparar a cerimônia, que é muito importante para a cultura do seu povo e, sem ela, o tio não poderia fazer a passagem para o outro mundo. Ao despedir-se dos amigos,

Olhou para o relógio, fechou o rádio portátil e decidiu partir, sem antes ter atirado uma pedra para afugentar um mocho – *kikia*, para os da terra – que teimava em poisar na janela do seu quarto. Benaf achou estranho uma ave noturna a voar àquela hora da tarde, mas limitou-se a atirar a pedra (Barros, 1999, p. 7-8).

O aparecimento da ave simbolizava uma mensagem de dor e tristeza, mas o jovem, apesar de ter achado estranho o aparecimento da *Kikia*, não lhe deu bastante atenção, por não acreditar fielmente nas tradições que dizem ser a coruja, uma ave de mau agouro. Para Cardoso (2017), “Em Benaf, o estereótipo parece ceder lugar para algo mais invasivo,

³ Grupo étnico da Guiné-Bissau representa cerca de 9,1% da população nacional. Para ele, a morte é um rito de passagem para o outro mundo e, portanto, é necessário que se realizem cerimônias específicas, como requer a tradição. (Clossavny, 2021).

⁴ Traduzindo do crioulo guineense para o português, seria equivalente à conversa e diversão entre amigos. (Tradução nossa).

de modo que toda a identidade do personagem passa a se apresentar como uma ‘mímica’.” (Cardoso, 2017, p. 369).

Neste sentido, o jovem imita a cultura do colonizador porque ao retornar para a África, especificamente, a Guiné-Bissau, teria vantagens em relação aos seus pares, isto devido ao fato de ser um licenciado e porque naquela altura, os que estudavam na Europa eram vistos como figuras importantes e capacitadas. Ele busca por prestígio e reconhecimento e, para tal, é necessário colocar a sua condição de africano de lado, ainda que ele não consiga literalmente. Isso se evidencia no trecho seguir, em que o narrador afirma:

Logo à chegada, os mais experimentados ensinaram-lhe que os senhores da guerra eram vulneráveis à adulação dum recém-doutor. Esmagados por complexos analfabetais, e plea doutrinação dos *outros*, sentiam-se reconfortados ao serem obedecidos pelos intelectuais da nova vaga.

Era preciso toda uma encenação hipócrita para substituir os *outros*, os intelectuais da Luta, vitimados por esses mesmos complexos. Benaf não só conseguia compreender essa plástica como não estava interessado em perder tempo a pensar nisso. As regras do jogo eram essas e toca a usá-las (Barros, 1999, p. 62, grifos do autor).

Os próprios nativos, aqueles que assimilaram a cultura do branco, subjugavam suas culturas como inferior, isto porque

O contato com a cidade, com seus colchões de espuma, seus aparelhos de ar condicionado, suas meninas de esmerada educação e, sobretudo, de tez clara, mudou os revoluconários. Em vez do suicídio da classe pequeno-burguesa tão caro a Cabral, deu-se o aburguesamento do campesinado. O discurso revolucionário de *tudo fazer em nome do povo* dera lugar ao *com o poder não se brinca*. Em vez de livros, medicamentos, surgiram os *volvos* e as *comadres* e, como corolários, a violência policial” (Barros, 1999, p. 25).

Ainda nesta seara, Santana (2019) entende que

As narrativas sobre África e os africanos, em consonância com as ações do colonialismo, primaram por construir no imaginário social coletivo a ideia de um lugar habitado por povos “inferiores”, “bárbaros”, “indolentes”. Tal suposição, entretanto, não se limitou apenas a essas classificações, ao contrário, constituiu-se apenas como desencadeadora das mais extraordinárias concepções acerca de África e de seus habitantes (Santana, 2019, p. 197-198).

Esse imaginário coletivo em torno do continente africano e de seus descendentes ainda permanece presente em muitos discursos diaspóricos, pautados no racismo e na negação do continente enquanto berço civilizatório da humanidade. Benaf é uma vítima desses discursos, porque incorporou tanto a cultura do outro, que passa a ver a sua como “bárbara” e inferior. O narrador, ao descrever o cenário do velório de N Dingui, faz a seguinte constatação:

No fundo do *Cobom de Bandé*⁵, Benaf resiste ao sono. À sua volta, as interferências de sons criados pelo ressonar de dezenas de narinas [...] Na sua maioria, mulheres de avançada idade, [...] cumpriam com o ritual de velar um defunto. Era a última homenagem que se prestava àquele que tinha sido o tio do nosso jovem licenciado e que tinha recusado ser *balobeiro* nas matas de Safim (Barros, 1999, p. 11).

O jovem mal queria realizar os ritos tradicionais, quem dirá ser *balobeiro* – que é um zelador dos locais onde se realizam cerimônias tradicionais. Para ele, segundo as palavras de Barros, “estava sendo um calvário”. “Os costumes mandavam que assim tinha de ser. Ele, o sobrinho, o parente mais próximo do malogrado, tinha que permanecer no local até ao enterro, cerca de 24 horas! **Que frete para um licenciado recém-retornado!**” (Ibid. Grifo nosso).

A frase grifada ilustra bem o quanto aquela cerimônia não tinha significado para Benaf, que só a cumpriu por um certo “respeito” à memória do tio, o responsável pela sua ida à Europa, ou melhor, uma comoção circunstancial. Mas sabe-se que o jovem não estava interessado em nada do que se passava. Em um dado momento, o velho Papai, que fora colega de luta de N Dingui, começa a narrar como tinha sido o período da guerra, das lutas e das emboscadas que armaram para os tugas⁶, mas Benaf mantinha-se em silêncio, analisando as contradições do discurso com a realidade que o tio se encontrava: desolado, solitário e, agora, morto:

Anos de vivência na Europa, anos de prática dum individualismo tacanho, haviam-no transformado num ser desumano, num *materialista* interessado nos sucessos pessoais, saudoso das grandes cidades de luzes por todos os lados, dos automóveis, dos gigantes de betão armado. A África tinha-se esfumado do seu ser. Voltou porque era africano e intelectual, portanto podia ser ministro ou presidente, mas do continente não conseguia reter nem compreender a profundidade de sua mística (ibidem).

⁵ Bairro da Guiné-Bissau.

⁶ Forma como alcunharam os portugueses.

O colonialismo, enquanto provocador de hiatos e rupturas de culturas autóctones, torna o assimilado massa de manobra, capaz de “perder a consciência de si”, o que é cruel para com a vítima. Neste sentido, Cardoso (2017), ao analisar o posicionamento de António Benaf, constata que

A estratégia de Benaf é, na verdade, uma tática colonialista aplicada de forma dissimulada. Não é mais o branco/europeu que se oferece para administrar o território, mas, agora, é o próprio sujeito local, ansioso por parecer à sua imagem, que se oferece para isso, mostrando-se psicologicamente fraturado, modificado e assimilado à cultura do branco/ocidental. Enfim, o personagem age tendo em perspectiva tanto o olhar do sujeito ocidental quanto o olhar do africano local (Ibid., p. 369).

Embora ele tenha traçado o percurso da assimilação, não deixa de ser africano e tem consciência das múltiplas realidades que o compõe. Ainda que quisesse permanecer na Europa, lá também não passaria de um “zé ninguém”. Conforme narra o autor, a morte do tio não estava sendo fácil para Benaf, pois, ali, foi “[...] obrigado a confrontar-se com realidades socioculturais que lhe serviram de berço, do qual tanto gostaria de escapar!” (Barros, 1999, p. 18).

Após a cerimônia, com o alvorecer do dia, ele percebe as marcas da pobreza e do infortúnio na Tabanca em que morava o tio, logo, retorna para casa, na verdade, um pequeno quarto que era utilizado pelos colonos, mas que fora reformado para os jovens licenciados. Enquanto descansava, recebeu a visita da jovem Yama com quem ele havia marcado um encontro, mas como teve que ir ao velório do tio, acabou deixando a moça “de mãos atadas”. Benaf puxa a jovem Yama⁷ para a cama, agarrando-a pela cintura e ela, mesmo querendo, mas sabendo “como mandava a tradição”, indagou-o sobre o ato, pois ele deveria estar de luto e respeitar a memória do tio, porém, Benaf logo exclama:

- Qual tio qual quê? Que se lixem os costumes! O homem já morreu e, pronto, já não conta! Não consigo dominar-me ao pé de ti! Aliás, há muito que já não o via. Quase nada me liga a ele a não ser o facto de ser o irmão mais velho da minha mãe. A vida

⁷ Ela é uma jovem prostituta, com pouca experiência no ramo. Foi ter com ele porque queria comprar sapatos novos para um evento local, com incentivo da amiga, que era bem mais experiente.

continua. Se calhar ele fez o mesmo ou pior com as mortes que teve como companhia ao longo da guerra! (Ibid., p. 50).

Depois, teve que retornar para o local, onde aconteceria o enterro, pois, anteriormente, realizou-se a cerimônia de *tchoro*⁸ (velório). Benaf estava cansado e indignado com tantas cerimônias e rituais, pois, não cria no além e tampouco naquelas tradições todas:

- Estúpida, esta sociedade! Agora que se trata de deitar fora a carcaça do que foi o meu tio, está sendo mais difícil do que quando estava vivo e abandonado á sua triste condição de pária.

É, tanta coisa, tanta *cerimónia*, como se a vida continuasse para lá de *barreira*. Que estranha é esta sociedade! Falam da alma como duma entidade imaterial mas enterram o morto com mantas, colchas e sei lá que mais para levar: como se as coisas também tivessem alma! Até parece que há um espelho entre os dois mundos, um a reflectir o outro! Qual o verdadeiro? Resta ainda saber se o espelho é côncavo ou convexo! (Ibid., p. 111-112).

Os questionamentos feitos pelo personagem refletem não só as inquietações de quem desvinculou-se de suas raízes culturais, mas também representam um discurso individualista, da elite intelectual guineense, que rompeu com o legado de luta deixado por Amílcar Cabral, buscando, apenas, seguir o modo capitalista do ocidente. Como aponta Justino Gomes (2019), estudioso bissau-guineense,

Filinto de Barros, como intelectual que vivenciou ativamente momentos da ocupação colonial e pós-colonial, experimentou o abandono do projeto da luta desenvolvido pelos intelectuais de ontem representados aqui pelos combatentes. O desprezo de Benaf ao seu tio significa, no contexto da narrativa, esse abandono da conquista de ontem por parte dos intelectuais de hoje, para mergulhar o país na pobreza e na corrupção incontrolada devido ao desejo de se enriquecer e imitar modos capitalistas (Gomes, 2019, p. 41).

⁸ Choro. No crioulo guineense, o termo tem duas significações: o ato de chorar e o lamentar/sentir a dor da morte. (Tradução nossa).

Embora o romance não seja autobiográfico, Barros evoca um narrador que, ao passo que desenvolve a trama, registra partes de sua própria biografia. A história apresentada é bem íntima do autor. Deste modo, Augel (2005) afirma que

O posicionamento do autor de Kikia Matcho não é inocente. Abandonando a perspectiva da classe dirigente, recusando a fala hegemônica, que também foi a sua, com conhecimento de causa, indica sem piedade a procedência dos problemas que estão na raiz da desgovernança e que tanto dificultaram a consolidação do Estado guineense [...] (AUGEL, 2005, p. 274).

Com isso, é possível depreender que o autor, ao produzir um romance como este, reconhece que falhou enquanto parte integrante da Luta e também como intelectual, portanto, ao nos dar direcionamentos acerca dos problemas político-sociais que assolavam e assombram o país até os dias atuais, ele redime-se de suas falhas, trazendo elementos históricos que a versão oficial da História omitiu e invisibilizou.

O discurso do romance é polifônico que, na visão de Zani (2003), trata-se de “[...] um diálogo entre diversas vozes, não apenas enquanto um elemento de *citação* estático, mas no sentido de constituir um discurso entre duas ou mais vozes que se mostram e interagem em um diálogo intertextual” (Zani, 2003, p. 125). As vozes das personagens da obra de Barros interagem entre si e partilham de um discurso comum: o caos no país e a decepção para com a independência, e ainda que cada personagem tenha a sua própria história e percepção: “Um discurso pode se valer de outro ou de outros para sugerir novas orientações e/ou novos sentidos à uma obra” (Ibid.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso do recém-licenciado, António Benaf, durante todo o romance, é traçado pelo conflito entre a tradição e a modernidade europeia. Ao negar suas raízes tradicionais do povo *Papel*, ele cumpre com o plano civilizatório preparado pelos colonizadores: o apagamento da cultura autóctone, da identidade e da história, em detrimento de uma nova identidade – a europeia que, no caso específico de Benaf, é uma identidade portuguesa.

Ao analisar o personagem, percebendo a forma como o colonialismo operou e continua operando na Guiné-Bissau, sobretudo, nas mentalidades dos jovens. O caso de

Benaf ficcionaliza a realidade de muitos jovens guineenses que, ao migrarem para a Europa ou qualquer parte do mundo, em parte, tendem a se afastar de sua cultura guineense/africana para assumir uma identidade estrangeira. Há outros casos, obviamente, em que acontece a hibridização cultural, passando o indivíduo a comungar de duas culturas distintas.

Na Guiné-Bissau, com o pós-colonial, este processo é o marcador de uma identidade guineense, que não mais é aquela anterior ao contato com a colonização, mas funde elementos da cultura tradicional com a modernidade – entendida aqui como o produto colonial, a exemplo: a língua portuguesa, a organização política e o sistema de ensino. E cabe ressaltar que não defendemos a hibridização cultural enquanto fator positivo, encaramos apenas como resultado de um processo violento de contato entre duas culturas distintas.

Filinto de Barros conseguiu, em seu “pequeno exercício de ficção”, mapear o processo de organização política e social do país com o pós-independência, e o personagem Benaf, para além de representar a assimilação da cultura europeia e negação da sua própria cultura, nos dá indícios de quão utópica foi a independência, e que os novos governantes da nação distanciavam-se cada vez mais da Liberdade e do projeto de nação pensado por Amílcar Cabral e os guerrilheiros.

Em suma, a análise do personagem António Benaf nos possibilitou compreender um pouco do universo cultural e mítico da Guiné-Bissau, que possui uma diversidade étnica e linguística. O fato de o jovem enxergar sua cultura como inferior e sem significação afetiva-cultural, reforça a violência colonial e a elisão de uma consciência nacional e identitária. Embora Benaf tenha se mostrado indiferente para com a tradição do povo pepel na realização de velório e enterro do tio e, renegado o legado cultural de seu povo, ele representa, em seus diálogos com Papai, o discurso dos indignados com a forma que o país estava sendo administrado, vivendo sob o caos, a miséria e a desilusão com a independência – o grande mito nacional. Benaf representa os desesperançados!

REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombro: a literatura guineense e a narração da nação*. Rio de Janeiro, 2005. 387 p. (Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa, na especialidade das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BARROS, Filinto de. *Kikia Matcho: o desalento do combatente*. Lisboa: Caminho, 1999.

CÁ, Ricardo Aguielo Aquixinco Gomes. Filinto de Barros e a resistência intelectual na construção literária do estado-nação guineense. *Revista África e Africanidades* - Ano XI, n.28, 2018.

CARDOSO, Marques Sebastião. Crítica da razão cultural guineense: um estudo sobre a representação da cultura em Kikia Matcho, texto ficcional de Filinto de Barros. *Revista Via Atlântica*, São Paulo, N. 32, 357-375, dez/2017.

CLOSSVANY. *ETNIAS DA GUINÉ-BISSAU - Museu da arte e cultura da Guiné-Bissau*. Museu da arte e cultura da Guiné-Bissau - Arte e cultura. Disponível em: <<https://clossvany.com/etnias-da-guine-bissau/>>. Acesso em: 14 Jul. 2021.

GOMES, Justino. Personagens e culturas guineenses: Kikia Matcho e A última tragédia, entre tradição e modernidade. *Revista África e Africanidades* – Ano XII, n. 32, 2019.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2006.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, jun. 2017, p.1-18.

SANTANA, Suely Santos. LITERATURA AFRICANA DA GUINÉ-BISSAU: Abdulai Sila e sua “Trilogia” Romanesca. *Estudos IAT*, v. 4, n. 2, p. 196-215, 2019.

SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. *Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*, v. 9, n. 1, p. 121-132, jan./jun. 2003.